

Da Bíblia aos Múltiplos Universos

Velhas e Novas Visões da Eternidade

Sinopse

Citando autores católicos, protestantes, judeus, espíritas, deístas, ateus e agnósticos, e apresentando suas próprias pesquisas e reflexões, G. M Gondim – sociólogo pela Universidade de Londres – joga um holofote e uma lupa sobre os problemas da Bíblia, recorrendo à filosofia, história, teologia, sociologia e análise textual, de modo abrangente, mas conciso e acessível.

Depois de mostrar o caráter problemático das visões da eternidade baseadas na Bíblia e de desenhar com palavras um Deus racional, diferente do Deus bíblico, o autor delinea uma visão do infinito espaço-temporal oriunda da ciência especulativa. Esboça uma teologia fundamentada na teoria física dos múltiplos Universos. E analisa – filosófica e cientificamente – a hipótese da reencarnação.

Este é um livro para quem se interessa por maneiras diversas – velhas e novas – de conceber a eternidade.

- A Bíblia contém erros factuais e históricos?
- Há contradições na Bíblia?
- Jesus fez previsões erradas?
- O cristianismo é uma religião politeísta?
- Há passagens bíblicas que favoreçam a tese da reencarnação?
- A idéia da reencarnação tem validade filosófica e científica?
- O que é o Deus Racional?
- A Bíblia discrimina as mulheres?
- A Bíblia consagra a violência?
- O que são os múltiplos Universos?
- Como é uma visão da eternidade baseada nos múltiplos Universos?
- A Bíblia é compatível com a moderna doutrina dos direitos humanos?
- A Bíblia é conivente com a escravidão?
- Jesus condenou a prece pública?

Se você se interessa por questões como essas, este é o seu livro: uma obra que abrange os mais interessantes pontos da crítica bíblica e das discussões sobre o conceito de eternidade.

SUMÁRIO

9

Prefácio

Algo sobre Muito

13

Introdução

Religião ou Magia?

19

Capítulo 1

Deus e Razão

23

Capítulo 2

Ideologia e Privilégios

27

Capítulo 3

Holocausto e Holocaustos

31

Capítulo 4

“Roubarás e Matarás”

45

Capítulo 5

Punições Coletivas

47

Capítulo 6

O Pacto de Deus com o Diabo

51

Capítulo 7

O Misógino Paulo:

contra as Mulheres, a favor da Escravidão

59

Capítulo 8

O Valor da Adulação

63

Capítulo 9

Teodicéias – Tentativas de Justificar Deus

71

Capítulo 10
Problemas de Tradução

75

Capítulo 11
Contradições, Erros Factuais e Erros Históricos

89

Capítulo 12
O Fracasso das Previsões de Jesus

93

Capítulo 13
Jesus contra Todas as Igrejas

95

Capítulo 14
Três em Um: Avaliando o Dogma da Santíssima Trindade

105

Capítulo 15
Salvação: Obras, Fé ou Escolha Divina?

115

Capítulo 16
Contradições e Escolhas, Problemas e Mutações

137

Capítulo 17
Os Massacres Bíblicos: Tentativas de Justificação

143

Capítulo 18
Bíblia ou Bíblias?

149

Capítulo 19
Os Vivos se Apropriam dos Mortos

157

Capítulo 20
Escolhendo Evangelhos

161

Capítulo 21
A Igreja Católica: Humana, Demasiado Humana

167

Capítulo 22
Até Eles Duvidam

171

Capítulo 23
Copiando o Divino César

175
Capítulo 24
A Bíblia e a Reencarnação: Mil e Uma Utilidades

179
Capítulo 25
*Inferno ou Aniquilamento:
A Impossibilidade do Literalismo*

183
Capítulo 26
*A História do Cristianismo:
Sangue Cristão, “Herege”, Judeu, Muçulmano...*

193
Capítulo 27
Quem Matou? Quem Escreveu?

195
Capítulo 28
O Deus Racional

199
Epílogo
O Deus dos Múltiplos Universos

207
Pós-Epílogo
A Reencarnação: O Exame Frio de uma Bela Idéia

217
Apêndice
O reencontro

225
Índice Onomástico

233
Índice de Citações Bíblicas

235
Referências

PREFÁCIO
ALGO SOBRE MUITO

Este livro é acadêmico num aspecto: o rigor no recurso às fontes, a preocupação em não se apropriar de idéias alheias, a disposição para dar todos os devidos créditos. Este procedimento nem sempre é seguido no meio acadêmico. Mas faz parte do modelo; é um ideal a ser atingido.

Em outros aspectos, no entanto, esta obra é resolutamente não-acadêmica. Eu a escrevi pensando naquilo que me agrada como leitor (e que agrada também, acredito, ao leitor médio): linguagem acessível, definições claras, capítulos curtos e/ou subdivididos (o capítulo mais longo, o 16, tem subdivisões com títulos – subcapítulos titulados e numerados). Excluí as notas de rodapé, diluindo-as no próprio fluxo do texto, de modo a não poluir o livro com um festival de notinhas de pé de página, que interrompem a leitura ou deixam o leitor culpado por não lê-las, atrapalhando, de um modo ou de outro, a fluência de seu pensamento. Sei também, como leitor, que notas no final do livro ou mesmo ao fim de cada capítulo são ignoradas por todos os leitores, exceto os rigorosamente acadêmicos.

Este livro é não-acadêmico, também, em outro sentido. Não se baseia na ultra-especialização. Alguém definiu a especialização como a atitude de tentar saber quase tudo sobre quase nada. Na ciência médica, por exemplo, essa atitude é indispensável. No contexto geral do conhecimento, de fato, o coração humano é quase nada. Mas nossas vidas dependem desse quase nada. Por isso justifica-se que algumas pessoas dediquem toda a sua vida profissional a saber tanto sobre algo tão ínfimo no contexto geral do conhecimento, deixando de lado todo o resto, ou seja, quase tudo. Essas pessoas sacrificam sua própria amplitude mental pelo bem-estar físico da humanidade. São heróis da modernidade.

Nas ciências humanas e sociais, a meu ver, tal atitude não se justifica. É uma importação inadequada de procedimentos alienígenas. Escrever dezenas ou centenas de páginas sobre um obscuro personagem supostamente histórico de uma pequena cidade do interior, por exemplo, é algo que não leva a lugar nenhum, é um ato de academicismo estéril, que só tem algum valor e significado dentro dos muros do gueto de alguma *subsubseção* do mundinho acadêmico, que recebe dinheiro público para alimentar esses delírios particularistas, dinheiro que premia os que jogam de acordo com regras tão estreitas.

Este livro é o contrário disso tudo: vai buscar suas matérias-primas em variados campos, abrangendo várias ciências sociais e humanas e fazendo incursões até mesmo pela física e pela biologia. Seu próprio tema convida a tal generosidade. É impossível discutir a eternidade de maneira válida com estreiteza e provincianismo, com espírito de gueto. A eternidade é o oposto de tudo isso. A eternidade não é acadêmica.

* * *

Este livro fala de religião com uma franqueza muito acima da média. Sua linguagem está longe de ser deselegante, mas seu tom é inequivocamente polêmico, embora também analítico. Concordo totalmente com o zoólogo inglês Richard Dawkins quando ele diz (como disse numa entrevista à *Globo News*) que é preciso parar de pisar em ovos quando se fala em – ou se escreve sobre – religião. Deve-se ter, em relação às religiões, a mesma liberdade que se tem ao se falar ou escrever acerca do PT, de Bush, de livros e filmes ou de qualquer outro assunto.

Os ensaios que ora apresento foram escritos com este espírito: sem o medo de

fogueiras simbólicas.

* * *

Há neste livro dois capítulos sobre a reencarnação. O primeiro (Capítulo 24 – *A Bíblia e a Reencarnação: Mil e Uma Utilidades*) a discute em relação à Bíblia. O segundo, que discorre sobre a reencarnação de um ponto de vista racional, recebeu o nome inusitado de Pós-Epílogo. Resolvi colocá-lo depois do Epílogo porque ele depende deste em sua conceituação. Por que, então, o ensaio *O Deus dos Múltiplos Universos* não se chama Capítulo 29, passando o texto final a receber a designação de Epílogo, como seria mais ortodoxo? Por uma razão muito simples: considero *O Deus dos Múltiplos Universos* o ponto culminante do livro. Daí ser ele o Epílogo. Vejo como um adendo o texto final (Pós-Epílogo – *A Reencarnação: O Exame Frio de uma Bela Idéia*), embora ele esteja tão ligado ao restante da obra que não chegue a ser um apêndice. Daí sua designação inusitada, que requer esta explicação.

* * *

Este não é o livro de um acadêmico, mas de um homem apaixonado por livros, que formou uma considerável biblioteca particular ao longo dos anos. Alguns dos livros empregados para compor esta obra se tornaram raridades. É o caso de *Bíblia – Verdade e Ficção*, de Robin Lane Fox, lançado pela Companhia das Letras em 1996 e hoje sumido das livrarias e até mesmo dos sebos. É o caso, também, de *A Evolução das Espécies*, da Biblioteca Salvat de Grandes Temas. Possuir livros como esses é origem, para mim, de um prazer quase carnal, e não somente por sua raridade. Sou um *livrófilo* compulsivo (o termo *bibliófilo* se confunde com a Bíblia): tenho que me segurar para não sobrecarregar minhas finanças com a aquisição de livros, cada vez mais livros. Tenho excelentes obras sobre religião que não pude usar nesta pesquisa para não cometer o pecado de afogar o leitor num dilúvio de informações.

Um dia usarei esses outros livros. Talvez na próxima obra. Por enquanto, torço para que este livro encontre outros livrófilos por aí.

* * *

Não preciso procurar minhas próprias palavras para resumir o nascimento deste livro. Eu as encontrei no prefácio a *Os Santos em Guerra*, do pastor Ricardo Gondim (nenhum parentesco). Gondim escreveu, logo no primeiro parágrafo:

Por anos imaginei como nascia um livro. Hoje posso dizer que um livro nasce de uma paixão. Um tema nos cativa, fascina e finalmente impele a deixar a indisciplina de lado e traduzir aquela paixão em palavras.

Perfeito. É provável que nem todos os livros nasçam assim. Este nasceu.

INTRODUÇÃO

RELIGIÃO OU MAGIA?

Ao definir a religião como o ópio do povo, Karl Marx enfatizou o aspecto social e político da religião, deixando de enfatizar sua dimensão existencial. Animal consciente de que vai morrer, um ser para a morte (na linguagem existencialista), o homem – como espécie – talvez nunca possa prescindir da religião. Há diferenças individuais, é claro. Alguns indivíduos têm mais facilidade do que outros para “pôr de lado” a consciência da morte. Algumas pessoas podem viver sem a idéia de uma sobrevivência *post-mortem*. Outras não podem. Em todas as sociedades até hoje existentes, uma parcela de indivíduos – maior ou menor – não abre mão do conceito de eternidade pessoal.

Onde buscar tal noção de eternidade? Na tradição cultural da sociedade em que se vive. Aquele que é um cristão fervoroso no Brasil provavelmente seria um sunita fanático na Arábia Saudita, um xiita ardente no Irã, um hindu ardoroso na Índia, um budista praticante na Tailândia, um judeu conservador ou ortodoxo em Israel. Ser um católico integralista, um fundamentalista protestante, um judeu ortodoxo, um muçulmano ou hindu fundamentalista são atitudes semelhantes em seus aspectos psíquicos e fisiológicos. Em sua edição especial nº 2, de julho de 2003, a revista *Galileu* publica uma reportagem, denominada *De onde vem a fé*, que apresenta um quadro chamado “neurônios que crêem”. O quadro mostra (p. 29) que há regiões específicas do cérebro responsáveis por sensações comuns a freiras católicas, monges budistas e qualquer um que reze, ore, faça preces ou medite com um sentido religioso. Sensações como “falar com Deus”, “ser tocado pelo Espírito Santo” ou “vislumbrar o Nirvana” têm a mesma origem neurológica.

Marx não estava totalmente errado, porém. Há uma relação estreita entre o religioso e o social. A revista *Veja*, na edição de 24 de setembro de 2003, informa (p. 47):

Um centro de pesquisa americano entrevistou cidadãos de 44 países para saber a importância da religião na vida deles. Eis o resultado da enquete:

Os países pobres mostraram-se mais religiosos que os países ricos.

A exceção entre os países ricos são os Estados Unidos, onde seis em cada dez americanos disseram que a religiosidade é fundamental em sua vida.

A população da África é a que tem mais fé. No Senegal, 97% responderam que religião é muito importante.

Em média, 65% dos latinos [latino-americanos?] são muito religiosos. No Brasil, 77% da população dá grande importância à religião.

A religião está em baixa em lugares como a Alemanha, a Holanda e os países escandinavos. Está em alta na África. Onde há muita riqueza, razoavelmente distribuída, e mecanismos de proteção social, a religião vai mal. Onde há muita pobreza e insegurança, concentração de renda e competição desenfreada, a religião vai bem. A força da religião é, portanto, inversamente proporcional ao bem-estar social. Os Estados Unidos são uma exceção no mundo desenvolvido porque são uma nação fundada por fanáticos religiosos. Mas não somente por causa disso. Eles têm mais concentração de renda, mais pobreza e insegurança social do que países

ricos de renda per capita mais baixa que a dos americanos. São também um país intensamente neurótico, em que há uma pressão brutal sobre o indivíduo para que não seja um *loser* (“perdedor”), mas um *winner* (“vencedor”). Os índices de violência nos Estados Unidos são incrivelmente mais altos do que na Europa Ocidental, no Canadá, na Austrália, na Nova Zelândia e no Japão, que formam o restante do mundo desenvolvido. Além da criminalidade comum, os Estados Unidos são o país dos *serial killers* (matadores em série) e dos *mass murderers* (assassinos em massa – os matadores em série matam um pessoa por vez; os assassinos em massa matam várias pessoas numa mesma ocasião). A importância da religião por lá faz parte desse contexto.

No Brasil, à medida que vai ficando cada vez mais difícil ganhar a vida, vai crescendo o que parece religião, mas na verdade é magia. As pessoas não se submetem ao sobrenatural. Pelo contrário: tentam manipular o sobrenatural, submetê-lo aos seus desejos e necessidades. Quase não se fala em salvação. Toda a ênfase recai sobre “milagres”: prosperidade, cura e “vitória sentimental”. Há exceções, mas são poucas e não crescem. A Igreja Presbiteriana, fundada no Brasil em 1859, põe quase toda a sua ênfase na salvação, na vida após a morte. Resultado: passou de 498.000 membros em 1991 para 500.000 dez anos depois. Cresceu muito menos do que a população do país. Ou seja, caiu em termos proporcionais. No outro extremo, a Igreja Universal do Reino de Deus, o reduto mais visível da teologia da prosperidade, uma igreja que só fala em ganhos terrenos, pulou de 268.000 para dois milhões de membros. Cresceu quase dez vezes em dez anos.

O pedagogo e escritor Rubem Alves, evangélico *free lance* e ex-pastor presbiteriano, critica (revista *Enfoque Gospel*, fevereiro de 2004, p. 87):

O protestantismo é profundamente ético, rigorosamente intelectual e não é o que vemos hoje: promessa de milagres. Onde o que os homens querem não é Deus, mas uma coisa mística que resolva os seus problemas. Pedir para Deus atender a um pedido é pura magia.

A religião (qualquer religião) pode, realmente, melhorar a vida de algumas pessoas. Imagine alguém que bebe, fuma, toma drogas e gasta muito dinheiro com jogo e prostitutas. Se ele parar de beber, fumar e drogar-se, seja qual for a motivação para isso, sua saúde vai de fato melhorar. Se largar os vícios dispendiosos, sua vida financeira vai se fortalecer. Ele pode até conseguir poupar algum dinheiro, investi-lo bem e tornar-se próspero. Quanto às curas, a fé pode de fato curar, em alguns casos. Mas não necessariamente a fé no Deus dos cristãos. A fé em qualquer coisa. Você pode entregar sua vida a Cristo ou a Shiva. Os efeitos terrenos são os mesmos. Se a teologia “correta” opera milagres, a teologia “falsa” também os opera. Para os católicos e os protestantes, os mórmons formam uma seita herética. Mas entrar para a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias pode ser tão útil quanto entrar para a Igreja Batista ou para a Renovação Carismática Católica, a reação da Igreja Romana ao crescimento dos evangélicos (“derrotar o inimigo com suas próprias armas”). Até mesmo acreditar em pílulas de farinha pode às vezes curar. É o chamado efeito placebo. Você acredita que está tomando um remédio eficaz e fica bom, embora o “remédio” seja feito de farinha. Há milagres, entretanto, que até hoje se mostraram totalmente impossíveis. Nem Jesus Cristo os realizou. Nenhuma igreja os realiza. A regeneração de membros amputados é um bom exemplo (regenerar um membro é diferente de fazer andar pernas completas que não funcionam). Que igreja faz isso?

Há que se considerar também a falácia conhecida como *seleção de observações*. Uma pessoa reza (católico) ou ora (protestante) sempre que vai fazer um concurso público. Estuda também; estuda muito. Mas não deixa de pedir a

Deus por sua aprovação. Depois de vários reveses, um dia consegue passar. Pronto. Foi Deus! A vitória é ressaltada, as derrotas são esquecidas, mesmo que os empregos melhores não tenham sido alcançados. Um fato é iluminado; outros ficam na sombra.

Muitas doenças – até mesmo vários tipos de câncer – podem ter cura espontânea. É raro, mas acontece. Milhões de pessoas com câncer pedem a Deus a sua cura. Muitas morrem. Algumas são curadas pela medicina. Umas poucas são beneficiadas pela regressão espontânea. Estas são selecionadas e apontadas: milagre. As outras são esquecidas. Seleção de observações. Esta falácia é uma das principais armas da dupla *religião e magia*. (Um dos melhores livros sobre este assunto é *O Mundo Assombrado pelos Demônios – A Ciência Vista como uma Vela no Escuro*, do astrônomo americano Carl Sagan, escritor de divulgação científica, conhecido também por seus trabalhos de ficção).

De qualquer modo, por religião ou por magia, há milhões de pessoas brandindo bíblias no Brasil, transformando-as em armas de intervenção social, cultural e política, muitas vezes no sentido de impor padrões que a sociedade secularizada tende a rejeitar. Cabe-nos, portanto, examinar as bases e os fundamentos de tais crenças.

* * *

Começo a encerrar esta introdução transcrevendo a passagem em que Marx descreve a religião como “o ópio do povo”. Vale a pena, no mínimo, por sua beleza literária:

[...] A religião é o suspiro da criatura oprimida, o sentimento de um mundo sem coração, a alma de uma realidade sem alma. É o ópio do povo.

Abolir a religião, como a felicidade ilusória dos homens, é procurar sua felicidade real. O clamor para que abandonem as ilusões sobre sua condição é uma convocação para que abandonem uma condição que precisa de ilusões.

(A tradução foi feita por mim a partir de uma edição inglesa. Não posso apontar os dados do livro do qual traduzi, pois ele está perdido no tempo).

Outra bela passagem sobre religiões foi escrita por um precursor de Marx na filosofia alemã, Ludwig Feuerbach, citado por Rubem Alves em *O que é Religião* (p. 71):

Sonhos são as religiões dos que dormem.

Religiões são os sonhos dos que estão acordados.

Isso pode ser explicado por outra citação de Alves (p. 11). Diz o escritor franco-argelino Albert Camus:

O homem é a única criatura que se recusa a ser o que é.

CAPÍTULO 1

DEUS E RAZÃO

“É sagrado o que é sagrado porque os deuses o aprovam, ou os deuses o aprovam porque é sagrado?”. Esta pergunta, feita por Sócrates há mais de dois mil anos, pode ser reformulada numa versão monoteísta: “É sagrado o que é sagrado porque Deus o aprova, ou Deus o aprova porque é sagrado?”. Pode ganhar também uma versão mais próxima do dia-a-dia secularizado da grande maioria dos ocidentais contemporâneos: “é correto o que é correto porque Deus o aprova, ou Deus o aprova porque é correto?”.

Parece uma simples questão de ovo e galinha, como a propaganda do biscoito: “o biscoito X vende mais porque é mais fresquinho, ou é mais fresquinho porque vende mais?”. Na verdade, é uma pergunta fundamental para uma avaliação filosófica das religiões monoteístas.

Se a vida é sagrada porque Deus a aprova, então a tortura também será sagrada e correta se Deus a aprovar. Se, ao contrário, Deus aprova a vida por ser ela sagrada, o carácter sagrado da vida vem de uma argumentação lógico-ética que independe de Deus. No segundo caso temos um Deus submisso à Razão, também acessível ao homem e a espécies de inteligência equivalente que porventura existam em outras partes deste Universo e em outros Universos. No primeiro caso vemos um Deus caprichoso, que decide arbitrariamente, a seu bel prazer, o que é bom ou mau.

Se Deus é submisso à Razão, é ela que deve ser cultuada, não ele. Se Deus decide arbitrariamente o que é bom ou mau, adorá-lo é um ato de idolatria do poder. Deus é adorado, neste caso, não por ser bom ou justo, mas por ser poderoso. É adorado como se adula um ditador.

A Bíblia deve ser seguida por dizer coisas boas e justas, ou deve ser seguida por ser, supostamente, a palavra de Deus? Em primeiro lugar, é no mínimo discutível se a Bíblia é a palavra de Deus. Vamos examinar este ponto no decorrer do livro. Há questões de tradução, de cortes e acréscimos ao longo do tempo, de escolhas humanas sobre o carácter sagrado ou profano de determinados textos. Há também o problema de o que fazer com as óbvias vinculações da Bíblia, da maior parte de seus trechos, aos conceitos e preconceitos das épocas em que seus livros foram escritos. Se Paulo diz, na *1ª Epístola aos Coríntios*, que as mulheres devem permanecer caladas na igreja e não podem entrar no templo com os cabelos descobertos, quem nos está falando nesses trechos? O Espírito Santo de Deus ou o espírito da época e do lugar em que Paulo viveu e escreveu suas epístolas? A Bíblia, assim como o Alcorão, está repleta de sentenças que põem as mulheres em posições subalternas, claramente inferiores às dos homens. Citarei alguns desses trechos no tempo oportuno.

Se a Bíblia é a palavra de Deus, as mulheres deveriam estar em posição subalterna ainda hoje, deveriam continuar para sempre socialmente inferiores. Se a inferiorização das mulheres não é a palavra de Deus, mas o espírito do lugar e da época, como separar um do outro? Como distinguir, dentro da Bíblia, a palavra de Deus e o espírito da época? Ao gosto do freguês? É tudo uma questão de interpretação? Se a Bíblia é relativizada desse modo, deixa de ser a manifestação da vontade divina. Se, por outro lado, ela for vista como um corpo doutrinário

absoluto, obrigará seus fiéis seguidores a adotar mentalidades, atitudes e condutas há muito superadas no Ocidente.

A questão da mulher não é a única pedra no caminho dos admiradores da Bíblia. A personalidade violenta, sanguinária e facciosa do Deus bíblico, sobretudo o do Antigo Testamento, é outro motivo de embaraços. Há, por exemplo, um trecho do *Deuteronômio*, citado no Capítulo 4, em que Deus ordena aos israelitas em marcha para a Terra Prometida que exterminem os povos que vivem naquela terra, passando no fio da espada “tudo aquilo que respire”, ou seja, homens, mulheres, crianças e animais de outras espécies.

Isso nos traz a outro ponto controverso: a suposta aliança de Deus com o povo israelita. Seriam os judeus particularmente merecedores do amor divino? Aqueles que viriam a ser mais tarde conhecidos como judeus eram tão violentos e impiedosos como qualquer outro povo da época. Mesmo conforme os critérios bíblicos, eles não eram especialmente bons: oscilavam constantemente entre a obediência a Deus e a rebeldia, passavam longos períodos afastados do Senhor. Mesmo assim, segundo o Velho e o Novo Testamentos, Deus jamais deixou de considerá-los o povo eleito. Seria Deus racista ou “meramente” arbitrário e caprichoso? Ou seria a Bíblia, na verdade, a ideologia da dominação de um povo sobre os povos vizinhos?

CAPÍTULO 2

IDEOLOGIA E PRIVILÉGIOS

A Bíblia pode ser vista, também, como um instrumento de dominação de uma casta sacerdotal sobre o conjunto do povo “eleito”. No *Deuteronômio* 26, por exemplo, como apontou Karen Armstrong em *Uma História de Deus* (p. 31), os israelitas recebem ordem de apresentar os primeiros frutos da colheita aos sacerdotes de Javé (Deus). Como foi Javé quem deu aos israelitas a terra de Canaã, ajudando-os a passar no fio da espada tudo aquilo que respirava, os sacerdotes de Javé, seus representantes, têm direito sagrado a uma parte da colheita.

Tudo indica que o consumo de proteínas animais não era corriqueiro para a grande maioria das pessoas na Antigüidade. O controle sobre as carnes resultantes dos sacrifícios rituais era uma importante prerrogativa dos sacerdotes, dando-lhes um padrão de vida superior ao da grande maioria dos israelitas. Vejamos o que diz a este respeito o livro *O que é Tabu*, de Monique Augras:

A leitura da Bíblia deve ser recomendada a todos aqueles que se interessam por tabu, religião, rituais e controle social. O terceiro livro de Moisés, chamado Levítico, expõe detalhadamente as leis que regem a oferta de sacrifícios. Esclarece que tipos de animais devem ser sacrificados e quais as comidas de origem vegetal que devem ser ofertadas nos altares.

Quando se trata de um grande sacrifício exigido por Deus, ou holocausto, a totalidade da oferta é consumida pelo fogo. Em sacrifícios

de menor porte, ofertados em ação de graças ou pela expiação de algum pecado, o sangue do animal é espargido sobre o altar. Os rins, o peritônio, a gordura que recobre as vísceras são retirados e queimados. O resto da oferenda, isto é, a carne do animal, fica para ser comido pelos sacerdotes. Diz Levítico que “o que sobrou da oferta é coisa santíssima”, pois o simples fato da oferenda bastou para consagrá-la. De um ponto de vista mais pragmático, observa-se que se trata praticamente, nesse caso, de quase toda a carne do animal. Só gordura e sangue, e algumas vísceras, são realmente queimados no altar. As “sobras” representam a parte mais importante do alimento do ponto de vista nutricional. Mas se tornaram “coisa santíssima”, e por esse motivo só poderão ser consumidas pelos sacerdotes, exclusivamente, em lugar igualmente consagrado.

Ora, quando se lêem os preceitos da lei mosaica, verifica-se que são minuciosamente estipuladas todas as categorias de pecados possíveis, juntamente com a oferenda devida pela culpa. Donde se conclui que, quanto mais pecados, mais sacrifícios, e, por conseguinte, mais carne para os sacerdotes (pp.47-8).

Augras faz, ainda, duas observações interessantes. No judaísmo antigo o sacerdócio era um privilégio familiar dos supostos descendentes de Arão, o irmão e porta-voz de Moisés que o ajudou na travessia do deserto, do Egito a Canaã. A segunda observação diz respeito ao papel dos tabus alimentares na segregação e nas pretensões de superioridade:

Interessante é que a parte reservada a Deus no sacrifício, ou seja, basicamente a gordura e o sangue, é tabu para todo o povo judeu. “Gordura nenhuma e sangue nenhum jamais comereis”, diz a Bíblia. Por outro lado, as inúmeras proibições listadas no Levítico têm por objetivo explícito tornar o povo judeu diferente de todos os demais povos que o rodeiam. O que os outros povos fazem é pecado, o que eles comem é imundo, o seu contato é impuro. “Sereis santos”, diz o Senhor, “porque Eu sou santo, e separei-vos dos outros povos”. A estipulação dos tabus serve claramente para marcar a diferença (p. 49).

Monique Augras conclui falando de graus de exclusão: o povo é excluído em relação aos sacerdotes, mas, ao mesmo tempo, é decretado superior a outros povos. Ela não leva a análise até este ponto, mas vemos aqui, em operação, um mecanismo ideológico recorrente ao longo de toda a História. Trabalhadores britânicos, por exemplo, aceitavam mais a dominação doméstica, a que eram sujeitos, na medida em que se sentiam superiores em escala mundial, devido ao Império Britânico, aquele onde o sol nunca se punha.

CAPÍTULO 3

HOLOCAUSTO E HOLOCAUSTOS

Quase todo mundo se horroriza com o chamado Holocausto, em que os nazistas exterminaram entre cinco e seis milhões de judeus. Os judeus consideram o Holocausto um momento único na História, um evento que a nada pode ser comparado. E, quando escrevem ou pronunciam a palavra “Holocausto”, referem-se exclusivamente à matança de judeus. Desprezam assim, por exemplo, os cerca de 500 mil ciganos massacrados pelos nazistas, número comparável, em termos proporcionais, ao de judeus mortos.

Quando estava sendo organizado o Museu do Holocausto, em Washington, relata-nos Norman Finkelstein no livro *A Indústria do Holocausto*, o aclamado escritor e militante judeu Elie Wiesel comandou a ofensiva para homenagear apenas os judeus. “Como sempre, eles começam pelos judeus”, sublinhou Wiesel. “Como sempre, eles não param nos judeus.” Finkelstein contesta, apontando os comunistas e os deficientes físicos e mentais como as primeiras vítimas do genocídio nazista.

Finkelstein, ele próprio judeu, filho de sobreviventes do genocídio nazista, aponta várias razões para a exclusão dos ciganos, e de outras vítimas, da ideologia oficial do Holocausto. Em primeiro lugar, para os ideólogos, não se pode comparar a perda de ciganos com a vida judaica (é claro que eles não dizem isto explicitamente, nem o admitiriam). Chegam mesmo a duvidar, como já fizeram com os palestinos, da existência dos ciganos como povo. Assim o rabino Seymour Siegel, diretor executivo do Conselho Americano do Memorial do Holocausto, referiu-se ao povo cigano: “Se é que isso existe” (Finkelstein, p.86). Siegel reduziu o genocídio dos ciganos à admissão de que eles passaram por “algum sofrimento sob os nazistas”.

Em segundo lugar, diz Finkelstein, reconhecer o genocídio cigano significaria a perda de uma marca exclusiva dos judeus, com uma considerável perda de “capital moral”. Terceiro, em suas palavras, “se os nazistas perseguiram tanto ciganos quanto judeus, fica insustentável o dogma de que o Holocausto marcou o clímax do ódio milenar dos não-judeus pelos judeus” (p.86). Em quarto lugar, é impossível conciliar o reconhecimento pleno do genocídio dos ciganos com a tese, tão cara aos ideólogos do sofrimento exclusivamente judeu, de que foi a inveja dos alemães em relação aos judeus que provocou o Holocausto.

Por fim, por último mas não menos importante (*last but not least*), a indústria do Holocausto tem muito a ver com a defesa de Israel no conflito árabe-israelense. Finkelstein demonstra, em vários pontos de seu livro, que a indústria do Holocausto cresceu muito após a Guerra dos Seis Dias, em 1967, quando Israel anexou a Faixa de Gaza, a Cisjordânia (margem oeste do Rio Jordão) e Jerusalém Oriental. Em 1996, quando Israel massacrou mais de cem civis em Qana, no Líbano, o colunista Ari Sahvit, do jornal israelense *Haaretz*, ironizou seu país ao observar que Israel podia agir com impunidade porque “nós temos o Museu do Holocausto” (p.87).

Em 1999, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), liderada pelos Estados Unidos, bombardeou ferozmente a Iugoslávia de Slobodan Milosevic, matando centenas (talvez milhares) de civis, supostamente com o nobre objetivo de impedir a limpeza étnica dos albaneses de Kosovo pelos sérvios. Pois bem: o Estado de Israel se fundou e se mantém sobre a limpeza étnica de palestinos por judeus, sob as bênçãos dos Estados Unidos, sem cujo patrocínio (cerca de três bilhões de dólares por ano) o Estado de Israel ruiria como um castelo de cartas.

Isso nos traz de volta à Bíblia, pois tudo começou com uma limpeza étnica patrocinada não pelos Estados Unidos, mas por ele próprio, ele mesmo, o Deus da Bíblia. Este será o assunto do próximo capítulo. Antes, entretanto, é interessante observar a guinada verificada no Ocidente quanto à visão popular sobre os judeus,

que passaram de “deicidas”, “assassinos de Cristo”, para um povo “heróico e admirável”, voltando a ser tratados como os escolhidos de Deus. Esta virada começou com o próprio Holocausto, que encheu de culpa todo o Ocidente, que teve sua parcela de responsabilidade, não somente por causa das tradições cristãs anti-judaicas, mas também por ter se recusado a receber muitos judeus que os nazistas quiseram expulsar da Alemanha e dos países ocupados, judeus que poderiam ter sido salvos e acabaram mortos em campos de concentração.

A grande virada, contudo, aconteceu bem mais tarde, a partir de 1967, com a vitória de Israel na Guerra dos Seis Dias e o estreitamento das relações entre o Estado judeu e os Estados Unidos. Os judeus passaram a ser tratados pela mídia do Ocidente como a linha de frente da civilização ocidental contra os “bárbaros” muçulmanos e os “bárbaros” comunistas, uma vez que a União Soviética era aliada do Egito e da Síria, inimigos de Israel derrotados na Guerra dos Seis Dias. Os israelenses passaram a ser apresentados como heróis que lutavam “sozinhos” contra inimigos malévolos e numerosos. Fortaleceu-se, em torno de lugares como o Rio Jordão e Jerusalém Oriental, o mito da “Terra Santa”. Daí para a canonização dos judeus pelos protestantes foi um passo. Os católicos são em geral mais comedidos, porque têm, desde o Concílio Vaticano II nos anos 60, uma visão social mais aguçada, mais propensa, pois, a enxergar o problema palestino.

Desde a invasão do Líbano em 1982 (e particularmente desde o massacre de Sabra e Chatila, quando cerca de dois mil palestinos refugiados no Líbano foram massacrados por milicianos cristãos libaneses sob licença dos israelenses comandados pelo general Ariel Sharon), o Estado judeu vem perdendo apoio na opinião pública ocidental, embora a força do lobby judeu e pró-judeu nos Estados Unidos garanta a continuidade do apoio americano que sustenta Israel econômica e militarmente. Se entre os leigos o apoio a Israel diminui, entre os barulhentos fundamentalistas protestantes ele continua firme e forte, tendo se transformado em autêntica veneração. Os muçulmanos, que consideram Jesus um profeta precursor de Maomé, são execrados, enquanto os judeus, que consideram Jesus um impostor, são cultuados. É um dos paradoxos do mundo moderno.

* * *

Para encerrar este capítulo, um parêntese. O livro *Holocausto – O Massacre de Seis Milhões, de Ben Abraham*, publicado em 1997 pela Associação dos Sobreviventes do Nazismo no Brasil, não faz nenhuma menção aos ciganos, que não aparecem nem mesmo na lista de mortos na p. 10 (tantos judeus, tantos russos...). O truque é simples: um judeu romeno morto é um judeu; um cigano romeno morto é um romeno. Não morreram ciganos; morreram húngaros, poloneses, romenos, búlgaros... O massacre dos ciganos pelos nazistas é apagado, desaparece sem deixar rastro, deixando os judeus com o monopólio da grife *Holocausto*.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Abraão: 31, 32, 42, 51, 80, 115, 120, 170.

Abraham,	Ben:	30.
Adão: 31, 45, 51, 54, 66, 107, 115, 139, 168,		169.
Adriano	I, papa:	164.
Agostinho,	Santo:	57, 66.
Aguilers,	Raymond de:	185.
Aleixo,	Sérgio:	177, 210.
Alves,	Rubem: 15, 17,	18.
Amaury,	Arnaud:	187.
Ambrósio,	São:	186.
Ana:		177.
Antíoco	Epifânio:	78.
Antônio:		172.
Aquino,	Felipe:	161.
Aquitofel:		123
Arão:		24.
Arias,	Juan: 157, 158,	159
Aristóteles	(e lógica aristotélica):	60, 185.
Armstrong, Karen:	23, 56, 57, 64, 71, 72, 98,	99.
Augras,	Monique: 23, 24,	25.
Augusto,	César: 151, 172,	173.
Baigent,	Michael:	164.
Batman:		170.
Bernard de Clairvaux,	São:	186.
Bíblia de Estudo Plenitude:	34, 37, 45, 90, 91,	93.
Bíblia de Letra Gigante:		33.
Biblioteca Salvat de Grandes Temas:	11,	214.
Bingemer, Maria Clara Lucchetti:		193.
Bloom,	Harold:	133.
Bloy,	Léon:	48.
Brooks,	Mel:	31.
Bruno,	Giordano:	187.
Bultman,	Rudolf:	155.
Bush,	George W.: 10,	202.
Caim:	31,	140.
Calvino, João (e calvinismo):	59, 107, 108, 109, 112, 169, 178,	188.
Cam:		126.
Camus,	Albert:	18.
Cardoso,	Leonardo Mendes:	105.
Cawthorne,	Nigel:	164.
Chaves,	José Reis:	72.
Cirilo,	São:	188.
Clemente de Alexandria:		159.
Cleópatra:		172.
Constantino, imperador:	95, 163,	164.
Cowley,	Robert:	203.
Cristo, Jesus: 16, 29, 30, 41, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 64,		66, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100,
101, 103, 104, 106, 108, 109, 111, 112, 115, 116, 117, 118, 119,		122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 134, 135, 137, 145, 146, 147,
149, 150, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 162, 163, 164, 166,		167, 168, 169, 171, 172, 175, 178, 186, 189, 190, 192, 196, 203,
210.		
Cupitt,	Don:	168.
Darwin,	Charles: 67, 213, 214, 215,	216.

Davi:	35, 41, 51, 79, 83, 84, 85, 99, 104, 122, 123, 150, 153, 159.
Dawkins, Richard:	10, 67, 68, 209, 213.
Dennett, Daniel:	214.
Drane, John:	170.
Duquesne, Jacques:	155.
Dyson, Freeman:	200.
Einstein, Albert:	200.
Elias:	175.
Enfoque Gospel (revista):	15.
Equipe Nacional da Dimensão Bíblico-Catequética:	129.
Eva:	31, 43, 45, 51, 54, 56, 57, 66, 107, 115, 139, 150, 169.
Falcão, Samuel:	59, 60.
Feiler, Bruce:	127, 132, 133.
Feuerbach, Ludwig:	17.
Finéias:	39.
Finkelstein, Israel:	81, 82.
Finkelstein, Norman:	27, 28, 82.
Fortey, Richard:	214.
Fox, Robin Lane:	11, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155.
Freud, Sigmund:	132.
Galileu (revista):	13.
Gandhi, Mahatma:	109.
Gascoigne, Bansber:	188.
Geisler, Norman:	102, 103, 138, 139.
Gêngis Khan:	111.
Ghirelli, Antonio:	164.
Gibson, Mel:	190.
Gleiser, Marcelo:	199.
Goethe, Johann:	133.
Gondim, Ricardo:	12, 167.
Gregório, São:	186.
Hadden, Jeffrey:	167.
Hart, Michael H.:	65, 186, 187.
Haught, James A.:	183, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 192.
Haught, John F.:	67, 68, 183.
Hawkins, John:	192.
Heinrich, Paul:	63.
Herodes:	117.
Herodes, o Grande:	85, 129, 130, 150, 151.
Hise, Larry:	192.
Hitler, Adolf:	41, 71, 139, 176, 186, 187, 195, 202, 203.
Homero:	135, 149.
Honório I, papa:	166.
Hunt, Dave:	34, 35, 36, 38.
Hypatia:	187.
Idel, Moshe:	173.
Inocêncio III, papa:	187.
Irineu, Santo:	157.
Isaac, o Parvo:	128.
Isabel:	175.
Isaque:	31, 32, 42, 51.
Jacó:	31, 32, 42, 132.
Jafé:	126.
Jefferson, Thomas:	137.

Jerônimo, São: 56, 186.
 João Batista: 116, 117, 118, 119, 130, 135, 171, 175.
 João Crisóstomo, São: 186.
 João Paulo II, papa: 164.
 João XXIII, papa: 164.
 Jonas: 71.
 Jônatas: 39, 138.
 José: 85, 104, 150, 151.
 Josias, rei: 79, 82, 83.
 Judá: 32, 78, 79, 82.
 Judas Iscariotes: 121, 122, 123, 126, 130, 146, 155.
 Judas Tadeu, São: 125, 126, 157.
 Justiniano, imperador: 165.
 Kardec, Allan (e kardecismo): 73, 212, 215.
 Keller, Werner: 169, 170.
 Knohl, Israel: 171, 172, 173.
 Küng, Hans: 164, 165, 166.
 La Barre, Chevalier de: 183.
 Leão II, papa: 166.
 Lear, rei: 47.
 Leigh, Richard: 164.
 Longino: 149.
 Lot: 71, 115, 119, 120, 121.
 Lucrécio: 191.
 Lutero, Martinho (e luteranos): 98, 155, 167, 168, 186, 187, 188, 203.
 MacLeish, Archibald: 63.
 Malamat, Avraham: 132, 133, 134.
 Mani (e maniqueísmo): 65, 66, 67, 187.
 Maomé: 30, 35, 38, 41.
 Marcion: 64.
 Maria: 85, 86, 150, 173, 175, 183, 221.
 Marx, Karl: 13, 14, 17.
 Mather, George A.: 64.
 Mendel, Gregor: 215, 216.
 Miles, Jack: 40, 41, 46, 47, 48, 49, 63, 99.
 Milosevic, Slobodan: 28.
 Mitchell, Stephen: 48.
 Moisés: 23, 31, 32, 35, 40, 41, 42, 71, 72, 79, 80, 82, 83, 116, 127, 128, 129, 140.
 Mortara, Edgardo: 165.
 Mourão, Ronaldo Rogério de Freitas: 199.
 Munster, bispo católico de: 188.
 Nabucodonosor: 78.
 Necaú, faraó: 82.
 Nichols, Larry A.: 64.
 Nietzsche, Friedrich: 160.
 Noé: 126.
 Notícias de Israel (revista): 34 (ver também Hunt, Dave).
 Oliveira, Raimundo F. de: 175.
 Orwell, George: 34, 37.
 Paine, Thomas: 138.
 Pascal, Blaise: 183.
 Pastorino, professor: 72.
 Paulo: 20, 51, 52, 53, 55, 56, 86, 100, 101, 103, 109, 149, 161,

163,		168,		190,192.
Pedro:	98, 99,	122, 124,	157, 161,	162.
Penzias,		Arno:		200.
Pilatos,	Pôncio:	123, 124,	163, 190,	203.
Pio	IX,		papa:	165.
Pio	XII,		papa: 164,	165.
Platão:		184,		185.
Quadros,		Jânio:		196.
Quirino:		85,	150,	151.
Rhodes,		Ron:	102	103.
Rinaldi,		Natanael:	101,	102.
Rogerson,	J. W.:	143, 144,	145, 147,	148.
Romeiro,		Paulo:	101,	102.
Runes,		Dagobert:		185.
Russell,		Bertrand:	63,	190.
Sagan,		Carl:	17,	164.
Sahvit,		Ari:		28.
Santarrita,		Marcos:		71.
Sartre,		Jean-Paul:		165.
Saul:		39,	138,	148.
Schlesinger	Jr.,		Arthur:	191.
Scientific	American	-	Brasil (revista):	199.
Sem:				126.
Servetus,		Michael:		109.
Shakespeare,		William:	47, 132,	133.
Sharon,		Ariel:		29.
Shenkman,	Richard:	71, 77,	83, 84,	86.
Siegel,		Seymour:		27.
Silberman,	Neil	Asher:	81,	82.
Silvestre	I,		papa:	164.
Skeat,	T.		C.:	152.
Smith,	George		A.:	137.
Smith,		Morton:		159.
Sócrates:		19,		184.
Stalin,		Josef:		71.
Strobel,	Lee:	137, 138,	139,	168.
Superinteressante	(revista):	78, 79,	80, 81,	84.
Tertuliano:				56.
Time-Life/Abril		Coleções:		214.
Time	(revista	americana):		80.
Tocqueville,	Alexis	de:		191.
Tomás	de	Aquino,	São:	185.
Tov,	Emanuel:	134,	135,	171.
Trevor-Roper,		H.	R.:	77.
Universo	Espírita		(revista):	177.
Vashem,		Yad:		165.
Veja	(revista):	14,	134,	171.
Virgílio:				172.
Virgílio,		papa:		165.
Voltaire:				183.
Wallace,	Alfred	Russel:	215,	216.
Wellhausen,	Julius:	128, 129,	133,	134.
Wiesel,		Elie:		27.
Williamson,		Clark:		190.
Wilson,	David	A.:	77,	89.

Wilson,	Robert:	200.
Wilson,	Robert A.:	137.
Zimmer,	Carl: 213,	214.
Zoroastro	(Zaratustra):	64.
Zorobabel:	99.	

ÍNDICE DE CITAÇÕES BÍBLICAS

Amós:		120.
Apocalipse:	130, 157, 160,	166.
Atos dos Apóstolos:	108, 122, 123, 126,	152.
Colossenses:		55.
Coríntios (1):	20, 52,	53.
Coríntios (2):	56, 103,	120.
Crônicas:	83,	153.
Daniel:	77, 78,	171.
Deuteronômio:	20, 23, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 41, 45, 75, 79, 80, 116, 120, 128,	129.
Eféssios:	54, 107,	108.
Ester:		46.
Evangelhos:	41, 73, 83, 84, 85, 87, 89, 94, 98, 99, 109, 116, 118, 124, 125, 153, 155, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 190, 193.	
Êxodo:	31, 40, 41, 46, 79, 80, 82, 83, 116, 129,	175.
Ezequiel:	105,	176.
Gálatas:		105.
Gênesis:	41, 43, 46, 53, 75, 76, 102, 115, 119, 120, 126, 127, 129, 140, 145, 146, 149, 150,	190.
Hebreus:		101.
Isaías:	42, 105, 120, 147, 151, 152,	154.
Jeremias:	120, 135,	151.
Jó:	47, 48, 49, 105,	177.
João, Epístolas de:		145, 157.
João, Evangelho de:	83, 84, 86, 95, 96, 101, 103, 104, 116, 118, 119, 152,	157.
João, Primeira Epístola de:		145.
Josué:	35, 40, 41, 76, 77, 130, 131, 132,	139.
Judas, Epístola de:		157.
Juízes:	116,	120.
Levítico:	23, 24, 41, 46,	129.
Lucas:	51, 83, 84, 85, 86, 87, 92, 100, 107, 116, 117, 118, 119, 122, 123, 124, 125, 126, 150, 151, 157,	173.
Malaquias:	100,	116.
Marcos:	83, 84, 86, 96, 97, 116, 117, 118, 123, 124, 125, 126, 153, 157,	159.
Marcos, evangelho secreto de:		159.
Mateus:	51, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 92, 93, 96, 97, 98, 101, 104, 105, 106, 107, 109, 116, 117, 119, 122, 123, 124, 125, 126, 147,	

151,	157,	159,	162,	163,	190.		
Números:	40,	41,	46,	80,	116,	129.	
Paulo,	Epístolas	de:	20,	109,	161,	168.	
Pedro		(1):				157.	
Pedro		(2):	157,			161.	
Pentateuco:	41, 42, 43, 79, 83, 127, 128, 129, 133, 134,					139.	
Provérbios:		99,				105.	
Reis	(1):	116,	151,			153.	
Reis	(2):	120,	151,			153.	
Sabedoria:		123,				177.	
Salmos:	42, 99, 103, 105, 116, 123, 146, 147, 177, 179,					180.	
Samuel	(1):	39,	120,	140,	148,	153,	177.
Tessalonicenses		(2):		108,		180.	
Timóteo	(1):	54, 55, 109, 149.					

REFERÊNCIAS

1. ABRAHAM, Ben. **Holocausto** – O Massacre de Seis Milhões. 29. ed. São Paulo: Associação dos Sobreviventes do Nazismo no Brasil, 1997.
2. ALEIXO, Sérgio. **O que é Espiritismo**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2003.
3. ALMEIDA, José de Sousa e. **Apontamentos sobre a Bíblia** – Uma Visão Geral do Antigo Testamento. São Paulo: DPL, 2000.
4. ALVES, Rubem. **O que é Religião**. São Paulo: Ars Poética, 1996.
5. AQUINO, Felipe. **Falsas Doutrinas** – Seitas e Religiões. Lorena: Cléofas, ano de publicação não informado.
6. ARIAS, Juan. **Jesus – Esse Grande Desconhecido**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
7. ARMSTRONG, Karen. **Uma História de Deus**. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
8. AUGRAS, Monique. **O que é Tabu**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
9. BAIGENT, Michael e LEIGH, Richard. **A Inquisição**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
10. Biblioteca Salvat de Grandes Temas. **A Evolução das Espécies**. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1979.
11. BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (organizadora). **Violência e Religião**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola e PUC-Rio, 2002.
12. CARDOSO, Leonardo Mendes. **Além do Corpo e do Tempo** – As Bases Bíblicas da Reencarnação. Rio de Janeiro: Nova Era, 1999.

13. CAWTHORNE, Nigel. **A Vida Sexual dos Papas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
14. CHAVES, José Reis. **A Face Oculta das Religiões**. São Paulo: Martin Claret, 2000.
15. COWLEY, Robert (organizador). **E se...?** – como seria a história se os fatos fossem outros. Edição original. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
16. CUPITT, Don. **Depois de Deus** – o futuro da religião. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
17. DAWKINS, Richard. **A Escalada do Monte Improvável** – Uma defesa da teoria da evolução. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
18. DAWKINS, Richard. **O Relojoeiro Cego** – A teoria da evolução contra o desígnio divino. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
19. DAWKINS, Richard. **O Rio que Saía do Éden**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
20. DENNETT, Daniel. **A Perigosa Idéia de Darwin**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
21. DRANE, John. **A Bíblia: Fato ou Fantasia?** São Paulo: Bompastor, 1994.
22. DUQUESNE, Jacques. **Jesus – A Verdadeira História**. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2000.
23. Equipe Nacional da Dimensão Bíblico-Catequética. **Como Nossa Igreja Lê a Bíblia**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1995.
24. FALCÃO, Samuel. **Escolhidos em Cristo**. 4. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1997.
25. FEILER, Bruce. **Pelos Caminhos da Bíblia** – Uma Viagem através do Antigo Testamento. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
26. FINKELSTEIN, Israel e SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia Não Tinha Razão**. 1. ed. São Paulo: A Girafa, 2003.
27. FINKELSTEIN, Norman. **A Indústria do Holocausto** – Reflexões sobre a exploração do sofrimento dos judeus. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
28. FORTEY, Richard. **Vida: Uma Biografia Não-Autorizada** – A história dos últimos quatro bilhões de anos de vida na Terra. Rio de Janeiro: Record, 2000.
29. FOX, Robin Lane. **Bíblia – Verdade e Ficção**. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
30. GEISLER, Norman e RHODES, Ron. **Resposta às Seitas**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus), 2001.
31. GHIRELLI, Antonio. **Tiranos**. Rio de Janeiro: Difel, 2003.
32. GONDIM, Ricardo. **Os Santos em Guerra**. 4. ed. São Paulo: Press

Abba, 1999.

33. GOULD, Stephen Jay. **Dinossauro no Palheiro** – Reflexões sobre História Natural. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
34. GOULD, Stephen Jay. **Pilares do Tempo** – Ciência e religião na plenitude da vida. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
35. HART, Michael H. **As 100 Maiores Personalidades da História**. 6. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
36. HAUGHT, James A. **Perseguições Religiosas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
37. HAUGHT, John F. **Deus após Darwin** – Uma Teologia Evolucionista. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
38. KERNER, Weller. **E a Bíblia Tinha Razão...** / 24. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2000.
39. KNOHL, Israel. **O Messias antes de Jesus**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
40. KÜNG, Hans. **A Igreja Católica**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
41. MATHER, George A. e NICHOLS, Larry A. **Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo**. 2ª impressão. São Paulo: Vida, 2000.
42. MILES, Jack: **Deus – Uma Biografia**. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
43. MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. **Do Universo ao Multiverso**. Petrópolis: Vozes, 2001.
44. OLIVEIRA, Raimundo F. de. **Seitas e Heresias** – Um Sinal dos Tempos. 23. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD), 2002.
45. RINALDI, Natanael e ROMEIRO, Paulo. **Desmascarando as Seitas**. 7. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD), 2001.
46. ROGERSON, J. W. **O Livro de Ouro da Bíblia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
47. ROSE, Michael. **O Espectro de Darwin** – A teoria da evolução e suas implicações no mundo moderno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
48. SAGAN, Carl. **O Mundo Assombrado pelos Demônios** – A Ciência Vista como uma Vela no Escuro. 10ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
49. SHENKMAN, Richard. **As Mais Famosas Lendas, Mitos e Mentiras da História do Mundo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
50. Sociedade Bíblica do Brasil (SBB). **Bíblia de Estudo Plenitude**. Preparada por João Ferreira de Almeida (Almeida Revista e Corrigida, 1995).
51. Sociedade Bíblica do Brasil (SBB). **Bíblia de Letra Gigante**. Preparada por João Ferreira de Almeida (Almeida Revista e

Atualizada, 1996).

52. STRABELI, Frei Mauro. **Bíblia: Perguntas que o Povo Faz**. 14. ed. São Paulo: Paulus, 2003.
53. STROBEL, Lee. **Em Defesa da Fé**. São Paulo: Vida, 2002.
54. Time-Life/Abril Coleções. **Evolução da Vida**. Rio de Janeiro: Abril Livros, 1996.
55. VALDÉS, Ariel Álvarez. **Que Sabemos sobre a Bíblia?** (7 volumes). Aparecida: Santuário, 1997–2003.
56. WILSON, David A. **A História do Futuro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
57. ZIMMER, Carl. **À Beira D'Água – Macroevolução e a Transformação da Vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
58. ZIMMER, Carl. **O Livro de Ouro da Evolução – O Triunfo de uma Idéia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

Periódicos

1. *Enfoque Gospel*, nº 31. Rio de Janeiro, fevereiro de 2004.
2. *Galileu*, edição especial nº 2. São Paulo, julho de 2003.
3. *Notícias de Israel* (Beth-Shalom), nº 11. Porto Alegre, novembro de 2001.
4. *Scientific American – Brasil*, nº 13. São Paulo, junho de 2003.
5. *Superinteressante*, nº 178. São Paulo, junho de 2002.
6. *Time*, volume 146, nº 25. Nova York, 18 de dezembro de 1995.
7. *Universo Espírita*, nº 5. São Paulo, janeiro de 2004.
8. *Veja*, nº 1 747. São Paulo, 17 de abril de 2002.
9. *Veja*, nº 1 821. São Paulo, 24 de setembro de 2003.